

Ao fazer a lição de casa, ninguém perde o sono



MÁRCIO ARTUR
LAURELLI
CYPRIANO*

Há algum tempo venho percebendo mudanças substanciais na economia brasileira, e já frisei este ponto em artigos anteriores. Volto ao tema por uma razão: a crise gerada devido a problemas no mercado americano de hipotecas. Sem dúvida, ela é mais extensa do que se imaginava de início, e ainda não se conhece exatamente a sua proporção. A cada dia o noticiário traz novidades e os analistas fazem novos prognósticos, muitos deles divergentes. É uma névoa compreensível. A globalização, com os mercados financeiros fortemente conectados e economias interdependentes, mudou a dinâmica das crises.

A principal conclusão é que, no contexto da economia globalizada, os países têm deveres e obrigações a cumprir perante seus parceiros. Entre outros, não podem ser lenientes com a inflação, têm de respeitar os direitos de propriedade, administrar as contas públicas com austeridade e gerar condições para o crescimento econômico. O cumprimento dessas regras de convivência reduz bastante a intensidade de contágio nos momentos de turbulência.

No caso do Brasil, houve uma alteração sensível entre a primeira grande crise global, iniciada com a desvalorização cambial nos países do Sudeste Asiático, e os problemas atuais. Se é fato que as dificuldades externas já nos atingiram — gerando, por exemplo, saída de capitais da Bolsa de Valores, provavelmente para cobrir prejuízos no exterior —, seu impacto até agora foi de baixa intensidade.

As empresas que operam no País tiveram bons resultados, em sua maioria. Tanto é que alguns setores elevaram em 2007 a remessa de dividendos, possivelmente para reforçar o caixa da matriz. Pelo que se tem notícia, nenhum grande projeto foi cancelado ou adiado. O mais importante: os bancos, como mostram os balanços já publicados, tiveram resultados sólidos, produzidos por investimentos crescentes, boas estratégias e gestão prudente. Ao contrário do que se observa no exterior, os acionistas e clientes do setor bancário não perderam o sono.

Num ano marcado pelo pessimismo e pelo excesso de cautela que ronda várias economias ao redor do mundo, o crédito alcançou a marca de 34,7% do Produto

Interno Bruto (PIB), o que é um recorde. Foi uma injecção de recursos da ordem de R\$ 1 trilhão, que propiciou consumo, maiores investimentos, casa própria, aumento de emprego e renda.

Seria possível listar vários outros indicadores do bom desempenho econômico brasileiro em 2007, mas não é necessário. A constatação relevante é a seguinte: o País atravessa sereno por um período de extrema ansiedade internacional.

E mais: por uma avaliação quase unânime, espera-se um bom crescimento econômico em 2008. As perspectivas para o PIB reduziram-se um pouco, é certo, mas não teremos um pouso forçado. Está muito mais para uma situação de manutenção das condições atuais, o que é positivo.

Também não se cogita de problemas maiores no balanço de pagamentos, em fuga para ativos reais ou qualquer outro dos transtornos conhecidos em ocasiões passadas. Uma postura de otimismo, por parte dos empresários, foi captada por uma sondagem recente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), a respeito do primeiro semestre de 2008. A pesquisa foi feita nos primeiros 20 dias de janeiro. Ou seja: as res-

postas já levaram em conta a hipótese de uma desaceleração na economia americana e seu desdobramento para outros países. Pois os executivos de 1.394 empresas ouvidos pela CNI esperam um desempenho bastante razoável para os próximos seis meses. Eles acreditam numa retração das exportações, mas confiam num aumento da demanda interna.

Esta pesquisa é outro indício da nova fase da economia brasileira. Existem outras evidências, como um estudo da consultoria Economatica divulgado recentemente. Ele apontou uma extraordinária valorização das ações das grandes empresas brasileiras. Várias delas ingressaram ou estão prestes a participar dos diversos rankings de grandes corporações mundiais. A evolução ocorreu principalmente entre 2002 e o início de 2008. Nesse período, não por coincidência, ocorreu a consolidação das políticas macroeconómicas que deram solidez ao Brasil. A estabilidade foi a base dos múltiplos avanços ocorridos nos últimos anos, e é esse conjunto de êxitos que está preservando o País de impactos externos mais graves. Nesse campo podemos avançar muito mais — basta realizar as reformas estruturais que ainda nos separam da condição de país plenamente desenvolvido.

* Presidente do Bradesco. Próximo artigo do autor em 29 de fevereiro

Espera-se um PIB
um pouco menor
este ano, mas não
teremos aqui um
pouso forçado

